

por VINICIUS

«Passarão os céus e a terra, mas as minhas palavras permanecerão.»
Está na ordem do dia a encíclica que Leão XIII baixou, há meio século, acerca das relações entre o capital e o trabalho, ou seja entre patrões e operários.

Que é que vem emprestando a esse documento tão renomeado prestígio? Simplesmente o seguinte: Leão XIII, ao contrário do marxismo que atua o ódio entre operários e patrões, isto é, entre ricos e pobres, delineou na aludida encíclica os deveres e direitos que assistem a ambas as classes. Defendeu, outrossim, o direito de propriedade, que o comunismo pretende abolir, alegando que aquêle regime se entrosa na constituição da família, base e fundamento da sociedade. Apela para a consciência dos ricos no que respeita à obrigação que lhes cabe de auxiliar os pobres, pagando aos operários jornal que lhes proporciona relativo conforto e bem-estar. Aos operários aconselha que se confinem em suas condições, procurando na religião católica consolação e paciência, abstando-se de toda a revolta e atos de violência.

Em resumo, tal é a essência do «Rerum Novarum». Na terra dos cegos quem tem um olho é rei. Só mesmo num mundo egoísta, atrasado e anticristão como o nosso, faz-se mister ressaltar e tecer elogios a tão comensais princípios de justiça e de humanidade. É certo que na sociedade terrena predominaram sempre leis, costumes e regimes inspirados no mais feroz egoísmo, maxime com respeito à distribuição da riqueza. A humanidade ficaria devendo muito à Igreja, si ela, no decorrer dos vários séculos de domínio absoluto que desfrutou, tivesse, não simplesmente publicado um encíclica a respeito do caso em apreço, mas delatado abaixo as antigas legislações cheias de iniquidade, substituindo-as por outras, consentâneas com o espírito cristão.

Não lhe faltou oportunidade para fazê-lo, no decurso de seu longo período de dominação, tendo sob seu controle os poderes civis. No entretanto a Igreja conservou-se inteiramente ao lado dos ricos e poderosos, como aliás até hoje sucede, revivendo, agora, o velho documento papalino, numa época em que as reivindicações proletárias, como efeito natural da evolução que se processa em todos os setores da atividade humana, vêm se impondo gradativo e vitoriosamente. O que a Igreja pretende a si é glória de uma conquista que, em realidade, não lhe pertence, por isso que é fruto do evoluir das idéias cristãs, até aqui esquecidas e menosprezadas pelos povos e pelas religiões dominantes.

Quando se fundou a Igreja cristã na Palestina, mediante a ação dos espíritos, no magnífico dia de Pentecostes, os primeiros crentes abriram mão, voluntariamente, dos seus bens e propriedades, formando um patrimônio comum, conforme narra o livro dos Actos, cap. II, para onde remetemos os leitores.

E nunca se viu a Igreja tão assistida pelos poderes celestiais, como na memorável época de sua instituição. Conforme, pois, se verifica é a semente evangélica que vai germinando na atualidade, após uma incubação de XX séculos, cumprindo-se a solene profecia de Jesus: — «Passarão os céus e a terra, mas as minhas palavras permanecerão».

Há um tópico interessante na aludida encíclica, em que se nota a habilidade com que o inteligente estadista Leão XIII procurou embaciar uma questão que não convém à Igreja esboçar. É o seguinte: — A Igreja reconhece como contingência natural a desigualdade dos níveis sociais. Pertencem à natureza as diferenças de inteligência, de talento, habilidade, de saúde e de força. Mas, essas desigualdades redundam em benefício geral, visto como a sociedade requer um organismo variado e de funções diversas.

A astúcia da Igreja neste arrazoado é manifesta. Ela não quer cogitar da causa das diferenças e desigualdades entre os homens, porque é aceita a lei da evolução, que esclarece perfeitamente o assunto. Substitui, por isso, *Deus pela Natureza*, responsabilizando esta, pelas referidas disparidades e anomalias sociais. É a natureza que faz, segundo tal critério, indivíduos, bons e maus, sábios e ignorantes, inteligentes e tarados, gênios e cretinos, e até fortes e fracos, doentes e sãos. Tudo isso é obra cega das forças físicas, agindo ao sabor do acaso. Não existe, portanto, um poder supremo, uma sabedoria infinita, nem uma justiça soberana que presida ao destino dos seres! Jesus, nessa hipótese, teria proferido uma inverdade, quando afirmou: «Nem um fio de cabelo das vossas cabeças cairá sem a vontade de Deus». Ao demais, para a Igreja, são benéficas essas desigualdades todas, por isso que é preciso haver no mundo párias, ignorantes e incapazes para servir nos favorecidos pela natureza! Tal é o critério da encíclica.

Até que ponto chega o materialismo dessa poderosa instituição política!

É a Igreja mesma que o rememora e conclama!

Vamos ler Emanuel?

J. Herculo Pires

Pouco a pouco, a política partidária vai lançando os seus tentáculos através do movimento espírita. Se nas eleições anteriores o número de candidatos que se proclamavam espíritas era reduzido, embora impertinente, nas atuais eleições, para vereadores, o que se vê é uma nunca mais acabar de supostos «candidatos espíritas». Os presidentes de centros, de instituições federativas e outras, com raras exceções, transformaram-se em valiosos cabos eleitorais, empunhando todo o seu prestígio e toda a sua influência em favor dos candidatos que tiveram a ventura de lhes cair nas graças. Numerosas sedes de sociedades espíritas, ao invés de se converterem nas casas de oração e de assistência que de há muito deviam ser, tornaram-se verdadeiros escritórios de propaganda eleitoral. Funcionam as secretarias, dirigindo envelopes com cédulas aos associados da casa. Nas portas, quando se vai uma sessão há sempre alguém para nos bombardear com boletins de recomendação de candidatos e um novo desperdício de cédulas. Ainda nesta semana, convidado a proferir uma palestra na sede da Federação, tive

de entrar no salão com um pacote de cédulas no bolso. Estamos em pleno pandemônio político, dentro dos arraiais do Espiritismo Cristão, ali mesmo onde somente a política da alma, dirigido pelo Cristo, devia imperar.

O espírita, como cidadão no pleno gozo de todos os seus direitos civis, pode votar e ser votado. Ninguém pode condenar um espírita, por haver aceitado o convite de um partido e figurar na sua chapa de candidatos. Mas ninguém poderá por outro lado, justificar a sua atitude, se lançar mãos da fraternidade espírita, do convívio doutrinário, e principalmente do prestígio da doutrina, para se fazer eleger, como pretenso representante do Espiritismo. Porque o Espiritismo não tem e não precisa de candidatos. O Espiritismo não pretende dominar o mundo através da política, nem conservar o mundo envenenado pelo vírus da política que hoje corrompe quase todos as coisas. Alegrem, alguns, que as nossas instituições de assistência social necessitam de elementos nossos nos postos de governo, para obterem verbas mais satisfatórias. Mas essas organizações não são obras de caridade cristã,



ÓRGÃO DE PROPRIEDADE DA CASA DE SAÚDE «ALLAN KARDEC»

Redação: Rua José Marques Garcia, 451 — Oficinas: Rua Campos Sales, 929 — Caixa Postal, 65 — Franca

Ano XX

Diretor de 15/11/927 a 21/6/942 — JOSE M. GARCIA

Diretor — Dr. TOMAZ NOVELINO

Gerente: Vicente Riechinho — Redator: Agnelo Morato

N.º 780

Quando myrcha a flor de um ano e ao desabrochar a rosa promissora de outro, «A Nova Era» e a Casa de Saúde «Allan Kardec» cumprimentam a todos seus amigos, simpatizantes e confrades, agradecendo-lhes a atenção dispensada e votam feliz 48.

Franca, Dezembro, 1947

traduzindo o esforço e abnegação dos corações bem-formados, ou são obras que dependem do favor oficial? Dizem outros que o Espiritismo, para realizar os seus objetivos, precisa de legisladores espíritas em todos os governos. Mas o Espiritismo poderia converter o mundo por decretos, através de recursos legislativos, ou do trabalho perseverante de evangelização, modificando os corações e as consciências?

Pensem bem, sobre todas estas coisas, os que defendem a introdução dos elementos políticos nos arraiais, que devíamos santificar e não politizar, do Espiritismo — Cristo. Pensem nisso os diretores de instituições espíritas, que aceitam a conversão das suas sedes em centros de propaganda política.

E os eleitores e candidatos espíritas, que lançam ou que recebem manifestos, procurem ler a pergunta n. 60 e sua resposta, do livro «O Consolador», de Emmanuel e talvez encontrem, ali alguma coisa que lhes sirva, como por exemplo, esses luminosos conceitos, «A missão da doutrina é consolar e instruir, em Jesus, para que todos mobilizem as suas possibilidades divinas, no caminho da vida.

Trocá-la por um lugar no banquete dos Estados é inverter o valor dos ensinamentos».

do «Journal de Noticias»

A ALMA NÃO MORRE

Nem todos poderão conceber essa verdade tão grande, tão sublime, de que o maior e único objetivo da natureza é o de ter concedido a todos os seres da criação, um destino eterno.

Como se depara diante de todos o contínuo e desolador espetáculo da destruição da matéria, muitos são levados a concluir daí que a nossa vida é percebível, e nunca se podem convencer que possa existir outra condição vital, além do nosso corpo físico.

Mas, a ser assim, que fim teria em vista a natureza para nos conceder casualmente a existência, para depois voltarmos ao nada? Nesse caso, não seria já preferível não termos existido? De que vale a longa serie de gerações, que se sucedem na carreira interminável do tempo, se as almas que existiram, não mais existem, e se as almas

que ora existem, não hão de existir?

«Ah! não é demonstrável esse pensamento pela sã filosofia.

E pensam muitos espíritos descrentes, que esse espaço infinito, que paira sobre nós, seja um lugar inóspito, de todo desprovido de beleza e de seres inteligentes. Mas, não.

Devemos crer, que legiões enormes de espíritos vagam por esse incomensurável universo, esperando o momento oportuno para tomarem um novo corpo e continuarem uma nova jornada pela terra.

No grande plano astral se observam as mais bizarras formas de seres tantos animaes como também humanos.

Apezar de que poderíamos viver para sempre, em corpo perispiritual, Deus em seus providenciais desígnios se lembrou de nos revestir de um corpo mais ou menos grosseiro, de vibrações mais ou menos pesadas, afim de que pudéssemos assim conservar a superfície da terra e obedecer por conseguinte à lei da gravidade.

É este justamente o papel que desempenha a matéria grosseira sobre a nossa alma e sobre o nosso corpo perispiritual.

E consideremos outro raciocínio.

A permanência temporária e simultânea do nosso espírito no mundo astral, assim como no mundo terreno, tem um objetivo verdadeiramente grande, pois vem a tenuar, suavizar a vida, quebrar por assim dizer a amarga monotonia do viver, na infinita jornada cósmica.

E portanto todos nós nos lembraremos só de uma existência, que é a nossa presente. E assim continuaremos no futuro.

O nosso pensamento descortina novas humanidades planetárias, novas seres, novos mundos, novas coisas, que se sucedem sem cessar na intensidade do espaço sem limites.

As humanidades de outrora desapareceram, na aparência, legando-nos o fruto do seu labor, isto é, o máximo das coisas que ora destruíamos com prazer e bastante maravilhados. E assim tudo há de continuar sempre em sua marcha fatal e ininterrupta, levada ao infinito.

Que será da humanidade futura? Não haverá uma alma imutável? Haveremos ou não de voltar novamente à terra? Não ha-

CONFERÊNCIAS EVANGÉLICAS

Rev. Dr. Almir dos Santos

Esteve nesta cidade, onde proferiu conferências evangélicas, nos dias de 16 a 21 de dezembro expirante, o Rev. Dr. Almir dos Santos, pastor metodista e catedrático da seção de Teologia Pastoral, na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil.

Para nosso gaudio, comparecemos à rua General Carneiro, 1115, sede da Paróquia local, e aí assistimos a esse esforço de evangelização e constatamos que os temas abordados foram dos mais empolgantes, em face da geral necessidade espiritual do momento.

Gratos pelo convite a nós enviado, ensaja-nos afirmar, mais uma vez, a simpatia com que, na qualidade de espíritas cristãos, acompanhamos a lide de cristianização das Igrejas Evangélicas, em cujo meio avultamos o admirável trabalho do metodismo brasileiro.

Em favor de mais êxitos do conferencista, Dr. Almir dos Santos, elevemos nossas preces a Jesus.

FAÇAM seus impressos na Grafica «A NOVA ERA» e estarão bem servidos.

Rua Campos Sales, 929 — Fone, 3-1-7

verá uma vontade superior e dirigentes, que faz com que, apesar da destruição da matéria, as nossas almas se conservem sempre unidas, assistindo, por assim dizer no seio cósmico, à marcha das coisas, dos acontecimentos e das idéias?

Será que surgimos neste mundo para levarmos apenas uma vida efêmera, para rastejarmos miseravelmente neste solo ingrato, e vermos depois sepultados no nada todos os tesouros da nossa alma, adquiridos, muitas vezes, com a maior soma de sacrifícios?

Ah! não. A nossa té está a dizer-nos que temos uma grandiosa missão a cumprir, não só aqui neste planeta, como em outros.

A centelha de luz que ora anima o nosso corpo, há de perpetuar-se sempre através da eternidade. Eterno é o princípio que regula a marcha do universo e das coisas, o princípio donde tudo dimana: eterno será também o nosso pensamento.

Objetá-nos, mas não vos assista a razão, ó almas que não sabeis antever o escopo grandioso e providencial do Criador; não sabeis sentir em vós as pulsações do bello e do perfeito, não vos conheceis ainda vós mesmos.

Que sejam as vossas almas iluminadas, para sentir-des, um dia, dentro de vós, brotar o sentimento da imortalidade.

Antonio Zaccaro

Que lógica!

O Dr. Pacheco e Silva, já célebre pelo seu ódio incoerente aos espíritas, proferiu no Centro dos Estudos Criminológicos de São Paulo, a 13 do corrente, uma conferência sob o título — «As curas milagrosas perante a ciência», na qual demonstrou mais uma vez a sua lógica infeliz. No final da citada conferência aquele psiquiatra escreveu: «O aspecto do problema que estamos vertendo é o legal, portanto, de acordo com o nosso Código Penal, só os médicos podem entregar-se ao exercício da medicina. Assim é que o artigo 294 estabelece:

— Exercer o curandeirismo: 1) prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, quaisquer substâncias; 2) usando gestos, palavras, ou qualquer outro meio; 3) fazendo diagnósticos: pena — detenção de 6 meses a 2 anos. Parágrafo único — Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa de um a cinco contos de reis.» A seguir, o Dr. Pacheco cita mais esta abalada opinião do não menos célebre Dr. Leonídio Ribeiro: — «Daqui por diante, protegendo a vida do doente (sic) ou em defesa da saúde pública, serão punidos os curandeiros, espíritas ou não, qualquer que seja a circunstância em que forem apanhados em flagrante de exercício ilegal da medicina, havendo ou não assinados receitas ou aplicado medicamentos, pois um simples diagnóstico, gesto, reza, conselho, passe ou palavra será bastante para constituir a prova do crime, mesmo que não haja qualquer interesse material.» Puxa!... Citando ainda o conferencista o Prof. Nerio Rojas, diz, além do 1.º item, este luminoso parecer: «a boa fé do curandeiro não exclui a sua responsabilidade.» Vejamos agora, caros leitores, a lógica do Dr. Pacheco neste trecho de sua conferência: «Devemos reconhecer a dificuldade na interpretação

do artigo 294, porquanto não se poderá capitular como curandeirismo certas e determinadas práticas religiosas, como é, por exemplo, a benção coletiva dada por um padre no exercício do ofício religioso, sem que se proponha curar os que, imbuídos por intensa fé, dele se aproximam com o fito de colher benefícios para a saúde combalida.»

Maravilhosa lógica! O Código Penal proíbe gestos, rezas, passes aos espíritas, mas um padre pode fazer tudo isso sem que seja crime! Belo raciocínio! São impagáveis esses nossos cientistas! Quem não vê nessa tirada ilógica o grande médo que tem o Dr. Pacheco de enfrentar o clero? Como poderia o Dr. Pacheco, por exemplo, combater a ação benéfica do bondoso Padre Antonio Pinto, que benze água para os enfermos, reza por eles e ministra-lhes a sua benção para curá-los de suas enfermidades? Será crime, Dr. Pacheco, um espírita, movido pelo mesmo sentimento que eleva o Padre Antonio, dar um passe, fluir uma garrafa d'água, ou orar por um doente?

É preciso muito egoísmo e maldade no coração para que alguém possa responder pela afirmativa.

Odilon José Ferreira

SETA

Em companhia do nosso preado amigo e colega, sr. Osório Junqueira de Souza Almeida, vi silou-nos o sr. Ari Francisco do Vale, gerente da SETA, companhia de aviação já funcionando com 4 junkers em linhas regulares.

Tendo em vista a significativa função presente e, maxime, futura da aviação no Brasil, pretende essa organização, lançando mais 4 aviões Boeings, de 10 passageiros, inaugurar linhas de São

Paulo, Franca, Beto Horizonte, (via Passos) e Rio a Ituiutaba. Dentro desse plano a aludida organização planeja a aplicação de taxis aereos, para viagens rápidas entre cidades localizadas nas zonas interlineares. São seus diretores os senhores Francisco de Oliveira (presidente) e Calixto Veloso Freire, (diretor de técnica.) A Seta acabar de transferir sua sede para a vizinha cidade de Ribeirão Preto. Gratos pela visita e votamos exitos os maiores à SETA.

JOSÉ RUSSO

Ja está entre nós, chegado em 14 deste, em retorno de sua viagem de tratamento, o nosso querido confrade e provedor gerente da Casa de Saúde «Allan Kardec», sr. José Russo.

Como é sabido o autor de «Herança do Pecado» vinha, ha vários anos, sustentando luta ininterrupta em seus trabalhos. Por um lado eram as obrigações administrativas da casa que dirige, por outro, os múltiplos trabalhos práticos que institue e orienta, além da sua constante produção á imprensa espirita.

Por isso era necessário um repouso, onde se refocilassem as energias, em que se recomposessem os elementos de saúde, para proseguimento da luta ingente, mas vitoriosa, porque de Jesus. Em Barreirô do Araxá, onde o sr. Russo passou vinte dias, teve ele convívio agradável com diversos confrades, inclusive do estrangeiro, do que trouxe a mais linsonjeira impressão.

Agora, que já se encontra a postos, resta nos cumprimentá-lo pelo excelente resultado obtido em favor de sua saúde, e rogar ao Senhor da Seara lhe dispense a continuação do vigor preciso ao sustentamento da porfiada faina que lhe é, em Franca, subordinada. A José Russo nosso fraternal abraço.

«Herança do Pecado» é realidade surpreendente. Leia o.

O Precito do Dia

COMO NASCE O EGOISMO

É na infância que se lançam os fundamentos da formação da personalidade do indivíduo cujo modo de encarar as coisas da vida muito depende das impressões recebidas nesse período. Tratada com brutalidade, a criança passa a ver os outros como inimigos, e é levada a concentrar-se e a pensar sómente em si: definha, assim, o sentimento de solidariedade e o egoísmo se desenvolve em proporções imprevisíveis.

Evite que seu filho se torne um egoísta, tratando-o com afeto e energia, mas fugindo dos exageros processuários. — SNES.

PASSAMENTO

Com a idade de 50 anos, no dia 20 de novembro p. passado, deixou o cárcere da matéria o nosso estimado companheiro de lutas na doutrina, o confrade Luis Tesch, que residia em Pirassununga. Depois de um longo sofrimento, com toda a lucidez de espírito e sabendo até a hora de sua passagem, despediu-se de todos os amigos e familiares, tendo na fisionomia um sorriso de resignação e coragem, desencarnando com a mesma fé viva que em vida sempre teve no Mestre Jesús.

Ao nosso confrade Luiz Tesch, que era estimadíssimo de todos os que o conheciam, pelas nobres virtudes de que sempre deu fíel testemunho, apresentamos nossos sinceros votos de muita paz e progresso na existência espiritual.



UMA RESENHA PERFEITA E COMPLETA DOS FATOS DA VIDA UNIVERSAL, TODOS OS DIAS NA 4.a PAGINA DO

JORNAL DE NOTICIAS



Assinatura Anual Cr. \$ 150,00

Capítulo 11

(continuação)

— Sim, meu pái.
— Crês, então, que existe Deus?...
— Sim.
— E tu, meu filho?
— Também, creio que existe um ser superior aos homens.
— Ouçam, meus filhos — continuou o coronel Fagundes — Deus é uma tenda que vem dos tempos passados. Foi algum louco, ou algum homem de mentalidade pobre que o concebeu em sua imaginação, para poder arranjar dinheiro sem trabalhar...
— Meu pái! então porque o senhor nos fez cristãos?
— Para não contrariar a pragmática da sociedade!
— Pois eu serei religioso, quer o senhor queira, quer não queira. Estou com Deus e pretendo ficar sempre com ele!
O coronel franziu o sobrolho, numa atitude de violência, e se dirigiu à Aparecida:
— E você, Aparecida?
— Acompanho as idéias de meu irmão.
— Pois bem — exclamou o coronel, levantando se repentinamente — Se voces assim pensam, podem se retirar! Mas notem bem: — eu não sou mais seu pái. A minha fortuna, deixarei a um individuo qualquer e vocês pegam a esse Deus in-

TERRA SEM DEUS

concebível que lhes dê o conforto que até este momento tiveram. Eu, sem Deus, dei-lhes a felicidade. Agora veremos vocês dois com esse Deus imaginário, que criaram nas suas cachólas! Sãiam hoje mesmo desta casa! Sumam-se da minha vista!
Os dois irmãos, ao se afastarem cabisbaixos da presença do pái meditavam sobre o que iriam fazer, já que teriam de viver afastados do lar.
— Eu, Aparecida, ficarei morando no próprio quartel da minha corporação.
— E eu, Erasto, para onde irei?
— Não sei! Preciso refletir. Depois desta distúrbio que nosso pái nos proporcionou, fiquei completamente perturbado, sem saber o que fazer!
— Pelo amor de Deus, Erasto! Ajude-me a sair desta dificuldade. Se maníe estivesse viva, isto não teria acontecido?
Em prantos, Aparecida sentou-se a um divan, sucocando a sua desdita nas lágrimas que lhe corriam pelas faces morenas, queimadas pelo sol do Ceará.
Erasto, olhando para sua irmã, naquele copioso pranto, chegou-se a ela, tomando-a em seus braços, depoz-lhe um be-

ijo nas faces, contemplando, angustiado, o seu rosto.
— Não chore, Aparecida. Vamos refletir sobre o que iremos fazer. Procuraremos um meio de viver sempre ao lado de Deus, sem contudo sermos pesados a ninguém.
O coronel Fagundes, nesse momento, assomou à porta da sala onde seus dois filhos se encontravam. Vendo Aparecida em prantos, a soluçar, não se condeu da dor que a afligia. Achava que tinham sido claras às palavras: não existe o amor. E, com um olhar de ódio, com templou indiferente aquele quadro! Dos seus labios saía ou tirou o balsemo para aquelas almas; agora saia o fé!
— Ainda estão aqui? Retirem-se! Procurem esse fantasma desse Deus. Ele que lhes dê guarida. Retirem-se, filhos malditos desde o ventre de que vieram!
Erasto e Aparecida se entreolharam, sem saber o que fazer.
Erasto, finalmente, num impulso de cólera, sacou de seu cinturão a espada e firmemente enfrentou seu pái que, ante a arrogancia do filho, procurou em tão intimidá-lo, para depois subjulgá-lo a seu modo. A serpente dera, entretanto, o bôte em fal-

Romance Mediúnico

Francisco Spina

so, porque a espada de Erasto estava em riste, pronta para penetrar em seu pái até onde suas forças pudessem atingir.
O coronel Fagundes viu-se entre a covardia e a morte, exclamando:
— Ousas matar teu pái, Erasto?
— Sim! Mas tres almas em delírio pela liberdade de suas vidas!
No momento em que a espada ia penetrar nas entranhas do coronel Fagundes, a chegada do vigário, inesperadamente, impediu que o crime fosse consumado. Olhando para os tres, o vigário perguntou:
— Que se passa aqui? Há meia hora estou batendo e não sou ouvido! Embainhe a espada, Erasto! Sente-se e acomode-se, Aparecida! Coronel! Sente-se! Assentando se também, dirigiu-se a Erasto:
— Você, que foi por mim apanhado com essa arma em punho, explique o que vem a ser esta comédia!
— Nosso pái acaba de nos expulsar de casa.
— Qual o motivo?
— Deus, seu vigário!
— O que?... Por causa de Deus?... É boa!

— Sim, seu vigário. Por causa de Deus!
— Não estou entendendo nada. Estou na mesma! Deus!... Ora vamos! Explique-se melhor!
— Nosso pái acaba de dizer que Deus é produto da nossa imaginação e, por estarmos convictos de que ele existe, nos expulsou do lar, mandando que procuremos então esse Deus para nos dar a felicidade.
O vigário virou-se para o coronel Fagundes:
— Com que, então, seu coronel Fagundes, procurando ensinar que não existe um ser acima de nós, ... hein?
Perdão, seu vigário. Eu sou livre. Tenho o direito de pensar como me apraz. Para mim, Deus, é uma figura para atemorizar a sociedade ou a humanidade que sofre e não sabe viver. Eu sou o coronel Fagundes, e não temo esse Deus criado pela imaginação de vocês, para auferirem lucros com esse v'ho caduco! E agora, retirem-se todos! Retirem-se, que eu quero ficar só. Não quero mais vê-lo em meus domínios!
— Coronel! — exclamou o vigário. Antes de retirar-me, permita-me que lhe dirija algumas palavras.
— Pode, mas sejam breves, porque não estou disposto a aturar palhaçadas!

Prefeitura Municipal de Franca

DECRETO N. 406, DE 9/12/1947

O PREFEITO MUNICIPAL DE FRANCA, usando de suas atribuições legais, RESOLVE nomear o sr. BENEDITO FERNANDES, em caráter efetivo, para o cargo de GUARDA CIVIL MUNICIPAL, no qual já vem servindo há mais de dois anos, a inteiro contento.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCA.

EM 9 DE DEZEMBRO DE 1947
O PREFEITO MUNICIPAL,
MOACYR VIEIRA COELHO

DECRETO N. 407, DE 13/12/1947

O PREFEITO MUNICIPAL DE FRANCA, usando de suas atribuições legais, APOSENTA, compulsoriamente, a partir da data da publicação deste decreto, nos termos do art. 188, n.º 1, do Decreto-lei Estadual n.º 13.030, de 28 de Outubro de 1942, combinado com o art. 91 da Constituição Estadual, o SR. FELICIANO RADESCA, no cargo de ADMINISTRADOR DO CEMITÉRIO, com o provento mensal de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros).

Prefeitura Municipal de Franca.

Em 13 de Dezembro de 1947
O Prefeito Municipal,
Moacyr Vieira Coelho

DECRETO N. 408, DE 13/12/1947

O PREFEITO MUNICIPAL DE FRANCA, usando de suas atribuições legais, PROMOVE o funcionário municipal sr. JOÃO DE MELO, para o cargo de ADMINISTRADOR DO CEMITÉRIO, vago com a aposentadoria do titular efetivo.

Prefeitura Municipal de Franca.

Em 13 de Dezembro de 1947
O Prefeito Municipal,
Moacyr Vieira Coelho

DECRETO N. 409, DE 13/12/1947

O PREFEITO MUNICIPAL DE FRANCA, usando de suas atribuições legais, NOMEIA o sr. DURVAL LIMA, em caráter efetivo, para o cargo de FISCAL URBANO, vago com a promoção do sr. João de Melo.

Prefeitura Municipal de Franca.

Em 13 de Dezembro de 1947
O Prefeito Municipal,
Moacyr Vieira Coelho

LEI N. 411, DE 17/12/1947

O Prefeito Municipal de Franca, nos termos do inciso II, do art. 3.º do ATO DAS DISPOSIÇÕES CONSTITUCIONAIS TRANSITÓRIAS, DA CONSTITUIÇÃO ESTADUAL, promulga a seguinte lei:

Art. 1.º — Fica aberto, na Contadoria Municipal, um crédito especial de Cr\$ 150.299,10 (cento e cinquenta mil, duzentos e noventa e nove cruzeiros e dez centavos), destinado a ocorrer às despesas realizadas nos exercícios de 1945 e 1946, constantes do Processo n.º 1954/47, do extinto Departamento das Municipalidades.

§ Único — O valor do presente crédito será coberto

com os recursos provenientes:

a) do produto da operação de crédito de que trata o artigo seguinte . . . Cr\$ 140.000,00

b) do excesso de arrecadação já verificado Cr\$ 10.299,10

Art. 2.º — Fica o Prefeito Municipal autorizado a emitir 2 (duas) notas promissórias no valor de Cr\$ 70.000,00 (setenta mil cruzeiros) cada uma, vencíveis, respectivamente a 6 (seis) e 12 (doze) meses, contados da data da emissão das mesmas, acrescidas dos juros de 9% (nove por cento) ao ano, pagos nos vencimentos dos títulos.

Art. 3.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Franca.

Em 17 de Dezembro de 1947
O Prefeito Municipal,
Moacyr Vieira Coelho

LEI N. 413, DE 23/12/1947

O Prefeito Municipal de Franca, nos termos do inciso II, do art. 3.º do ATO DAS DISPOSIÇÕES CONSTITUCIONAIS TRANSITÓRIAS, DA CONSTITUIÇÃO ESTADUAL, promulga a seguinte lei:

Art. 1.º — Fica aberto, na Contadoria Municipal, um crédito especial de Cr\$ 17.000,00 (dezesete mil cruzeiros), destinado a ocorrer às despesas com a execução do decreto n.º 379, de 21 de Junho de 1947.

§ Único — O valor do presente crédito será coberto com os recursos provenientes do excesso de arrecadação já verificado.

Art. 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Franca.

Em 23 de Dezembro de 1947
O Prefeito Municipal,
Moacyr Vieira Coelho

LEI N. 414, DE 30/12/1947

O Prefeito Municipal de Franca nos termos do inciso II, do art. 3.º do ATO DAS DISPOSIÇÕES CONSTITUCIONAIS TRANSITÓRIAS, DA CONSTITUIÇÃO ESTADUAL, promulga a seguinte lei:

Art. 1.º — Fica instituído, para todos os servidores municipais, inclusive os aposentados ou em disponibilidade, o regime do salário-família que será concedido mediante habilitação do interessado, na forma desta lei.

§ Único — O salário-família será concedido a todo servidor ou inativo que tiver dependentes, na razão de Cr\$ 40,00 (quarenta cruzeiros) mensais por dependente.

Art. 2.º — Consideram-se dependentes, desde que vivam total ou parcialmente às expensas do servidor ou inativo:

I — o filho menor de 18 (dezoito) anos;

II — o filho inválido, de qualquer idade.

§ Único — Compreendem-se nos itens «I» e «II», os filhos de qualquer condição, os enteados e adotivos.

Art. 3.º — A invalidez que caracteriza a dependência é a incapacidade total e per-

manente para o trabalho.

Art. 4.º — Quando o pai e a mãe tiverem ambos a condição de servidor ou inativo, e viverem em comum o salário-família será concedido ao pai.

§ 1.º — Se não viverem em comum, será concedido ao que tiver os dependentes sob sua guarda.

§ 2.º — Se ambos os tiverem, será concedido a ambos, de acordo com a distribuição dos dependentes.

§ 3.º — Ao pai e mãe equiparam-se o padrasto e a madrastra.

Art. 5.º — Para se habilitar a concessão do salário-família, o servidor ou inativo apresentará uma declaração de dependentes, indicando o cargo ou função que exercer, ou no qual estiver aposentado, ou em disponibilidade.

§ Único — Em relação a cada dependente, mencionará:

I — nome completo;

II — data e local do nascimento;

III — se é filho consanguíneo, filho adotivo ou enteadado;

IV — estado civil;

V — se exerce atividade lucrativa e, em caso afirmativo, quanto ganha por mês, em média;

VI — se vive total ou parcialmente às expensas do declarante, informando, neste último caso, qual a contribuição que presta para a sua manutenção;

VII — no caso de ser maior de 18 (dezoito) anos, se é total e permanentemente incapaz para o trabalho, hipótese em que informará a causa e a espécie da invalidez;

VIII — se é filho ou enteadado de outro servidor ou inativo do Município, fornecendo nesse caso as seguintes informações:

a) nome desse servidor ou inativo e o respectivo cargo ou função;

b) se esse servidor ou inativo vive em comum com o declarante; caso contrário;

c) — se o dependente vive sob a guarda do declarante.

Art. 6.º — O salário-família será concedido, mediante despacho, à vista das declarações recebidas, independentemente de prova.

Art. 7.º — Dentro de 120 (cento e vinte) dias, contados da declaração, o servidor ou inativo comprovará, junto à autoridade concedente, as afirmações constantes dos itens «I» e «II», do parágrafo único, do art. 5.º, pelos meios de provas admitidos em direito.

§ 1.º — O Prefeito julgará a comprovação, podendo dispensar a apresentação de documentos que já estiverem registrados nos livros da Prefeitura.

§ 2.º — Antes de julgar a comprovação, poderá o Prefeito proceder ou determinar as diligências que achar necessárias para verificar a exatidão das declarações, inclusive mandar submeter a exame médico as pessoas dadas por inválidas, recorrendo sempre que necessário, nesse e noutros casos, ao concurso das autoridades policiais.

Art. 8.º — Não sendo apresentada, no prazo, a comprovação de que trata o artigo anterior, o Prefeito determinará a imediata suspensão

do pagamento do salário-família, até que seja satisfeita a exigência.

Art. 9.º — Verificada, a qualquer tempo, a inexistência das declarações prestadas, será revista a concessão do salário-família, e determinada a reposição da importância indevidamente paga, mediante desconto mensal de 20% (vinte por cento) do vencimento, remuneração, salário ou provento, independentemente dos limites estabelecidos para as consignações em folhas de pagamento.

§ Único — Provada a má fé, será aplicada a pena de demissão ou dispensa a bem do serviço público, ou cassada a aposentadoria ou disponibilidade, sem prejuízo da responsabilidade civil e do procedimento criminal que no caso couber.

Art. 10 — O servidor e o inativo são obrigados a comunicar ao Prefeito, dentro de 15 (quinze) dias, qualquer alteração que se verifique na situação dos dependentes, da qual decorra supressão ou redução do salário-família.

§ Único — A inobservância desta disposição determinará as mesmas providências indicadas no artigo anterior.

Art. 11 — O salário-família relativo a cada dependente será devido a partir do mês em que tiver ocorrido o fato ou ato que lhe tiver dado origem, embora verificado no último dia do mês.

Art. 12 — Deixará de ser devido o salário-família relativo a cada dependente no mês seguinte ao ato ou fato que tiver determinado a sua supressão, embora ocorrido no primeiro dia do mês.

Art. 13 — A supressão ou redução do salário-família será determinada «ex-officio» pelo Prefeito, toda a vez que tiver conhecimento de circunstância, ato ou fato de que deva decorrer uma daquelas providências.

Art. 14 — O salário-família será pago juntamente com o vencimento, remuneração, salário ou provento, independentemente de publicação do ato de concessão.

Art. 15 — O salário-família será pago independentemente de frequência e produção do servidor e não poderá sofrer qualquer desconto, nem ser objeto de transação, consignação em folha, arresto, sequestro ou penhora.

Art. 16 — Não será percebido o salário-família nos casos em que o servidor ou inativo deixar de perceber o respectivo vencimento, remuneração, salário ou provento.

§ Único — O disposto neste artigo não se aplica aos casos disciplinares e penais, nem aos de licença por motivo de doença em pessoa da família.

Art. 17 — Será cassado o salário-família ao servidor ou inativo que, comprovadamente, descuidar da subsistência e educação dos dependentes.

§ Único — A concessão será restabelecida se desaparecerem os motivos determinantes da cassação.

Art. 18 — Nenhum imposto ou taxa gravará o salário-família, nem sobre ele será baseada qualquer contribuição.

Art. 19 — Os benefícios constantes desta lei são concedidos a partir de 1.º de Janeiro

de 1948.

Art. 20 — A fim de ocorrer às despesas com a execução desta lei, será aberto, oportunamente, o necessário crédito especial.

Art. 21 — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Franca.

Em 30 de Dezembro de 1947
O Prefeito Municipal,
Moacyr Vieira Coelho

RETIFICAÇÃO

Os decretos e leis abaixo, já publicados, onde se lê:

«Decreto n.º 286, de 30/7/1947», que dispõe sobre o pagamento de tributos por meio de cheques, leia-se:

«DECRETO N. 386, de 30/7/1947»

«Decreto n.º 287, de 30/7/1947», que torna obrigatória a reconstrução de passeios, leia-se:

«DECRETO N. 387, de 30/7/1947»

«Decreto n.º 288, de 1/8/1947», nomeando professora municipal, leia-se:

«DECRETO N. 388, de 1/8/1947»

«Decretos ns. 289, 290, 291, de 1/8/1947», nomeando professoras municipais, leia-se:

«DECRETOS Ns. 389, 390 e 391, de 1/8/1947»

«Lei n.º 292, de 21/8/1947», dispondo sobre concessão de licença-prêmio aos funcionários municipais, leia-se:

«LEI N. 392, de 21/8/1947»

«Lei n.º 293, de 30/8/1947», que dispõe sobre apreensão de animais, leia-se:

«LEI N. 393, de 30/8/1947»

«Decreto n.º 294, de 12/9/1947», dispondo sobre exoneração de sub-prefeito, leia-se:

«DECRETO N. 394, de 12/9/1947»

«Decreto n.º 295, de 3/10/1947», dispondo sobre exoneração de sub-prefeito, leia-se:

«DECRETO N. 395, de 3/10/1947»

«Lei n.º 296, de 9/10/1947», abertura de crédito especial de Cr. \$ 6.336,10, leia-se:

«LEI N. 396, de 9/10/1947»

«Lei n.º 297, de 14/10/1947», que autoriza a lavratura de escritura de ratificação, leia-se:

«LEI N. 397, de 14/10/1947»

«Lei n.º 298, de 20/10/1947», dispondo sobre concessão de auxílios e subvenções, leia-se:

«LEI N. 398, de 20/10/1947»

«Lei n.º 299, de 6/11/1947», abrindo um crédito suplementar de Cr. \$ 570.000,00, leia-se:

«LEI N. 399, de 6/11/1947»

«Lei n.º 300, de 6/11/1947», abrindo um crédito especial de Cr. \$ 5.551,00, leia-se:

«LEI N. 400, de 6-11-1947»

«Lei n.º 301, de 20-11-1947», que orça a Receita e fixa a Despesa do Município de Franca, para 1948, leia-se:

«LEI N. 401, de 20-11-1947»

«Lei n.º 302, de 20-11-1947», dispondo sobre as tabelas explicativas do orçamento para 1948, leia-se:

«LEI N. 402, de 20-11-1947»

«Decreto n.º 303, de 26-11-1947», considerando feriado municipal o dia 23 de Novembro de 1947, leia-se:

«DECRETO N. 403, de 26-11-1947»

«Decreto n.º 304, de 26-11-1947», instituindo o Conselho de Contribuintes de Impostos, leia-se:

«DECRETO N. 404, de 26-11-1947»

«Lei n.º 305, de 4-12-1947», declarando de utilidade pública uma faixa de terreno pertencente a Teodomiro Alves Cintra e Antonio de Paula Pereira, leia-se:

«LEI N. 405, de 4-12-1947»

Prefeitura Municipal de Franca, em 30-12-47

O Prefeito Municipal,

Moacyr Vieira Coelho

«Box, luta livre e... tiro aos pombos»

Este meu artigo poderá parecer impróprio para ser publicado num jornal espírito, tendo em vista seu título algo esquisito. Entretanto, lendo o até o final o leitor verificará que a primeira impressão é errônea. Vejamos.

Existem por aí, mormente nesta capital, certos jornais profanos que usam de um critério todo especial para fazer leitores. Uns «stampando notícias ultra-sensacionais e outros, além dessas notícias, publicam reportagens de luta livre, box e de torneios de um esporte lamentável designado de «tiro aos pombos».

Entre esses jornais um há, entretanto, todo escrupuloso, todo meticuloso que, nem por misericórdia, publica um inocente comunicado versando sobre matéria de caráter espírito. Eu, por exemplo, conto por dezenas os comunicados que enviei a esse jornal e que tiveram sempre o mesmo destino heróico: - cesta do lixo.

Entretanto, quem quis ler notícias fresquinhas e faustosas, acompanhadas de fotografias de cardeais, arcebispos, bispos, padres, e etc., é só folhear esse jornal. Verdadeira abundância de notícias e fotografias clericais...

Com o referido jornal é assim: oito (8) ou oitenta (80). Para o espiritismo, nada; para o clero, tudo...

De mistura com essas notícias «eminente» clericais, o citado jornal publica sempre notícias «sensacionais» sobre as pugnas de luta livre e box, este chamado pomposamente «noble art» (mas que «noble» hein?)

E, então, os amantes desses «mansos e pacíficos» esportes ficam deveras deliciados com as notícias publicadas sob legendas espalhafatosas, notícias, que às vezes ocupam uma página inteira do jornal.

Outro assunto de que mencionado jornal gosta de se ocupar a miúdo, não poupando mesmo espaço e letras de fôrma, é o «sensacional» e «extraordinário»

sistema de mostrar malvadez inqualificável, que muitos chamam de esporte: - tiro aos pombos.

Um dia destes, por acaso, tive o desprazer de ler uma reportagem sobre um torneio levado a efeito e no qual 5 ilustres e bem trajados cavalheiros cometeram uma «proeza» também ultra sensacional. «proeza» que se resume em duas simples palavras: - matar pombos.

E, com a notícia sobre os resultados considerados «sensacional», o jornal em questão estampou a fotografia dos «heróis» os quais, de fuzil em punho, elegantemente apumados, altivamente firmes como o Pão de Açúcar, em atitude napoleônica, «posaram» para a objetiva, exibindo largo e confortável sorriso, sorriso de imensa e divina satisfação, que o maior benfeitor da humanidade seria capaz de invejar no momento culminante de sua existência terrena, toda ela votada à prática do bem em prol da espécie humana.

Esse jornal, tão escrupuloso, tão meticuloso ante uma inocente notícia sobre espiritismo, não se sentiu vexado ao cobrir de retumbantes aplausos áqueles ilustres cavalheiros, cuja única «capacidade» foi a de estraçoar, esmagalhar, espedaçar cerca de 80 inofensivos pombinhos, avesinhas mansas e pacíficas que encarnam com toda justeza o símbolo da masuetude.

Com franqueza, melhor fôra que eu não tivesse lido essa notícia. Sim, melhor fôra que eu ignorasse a existência de um «esporte» tão animalizado, tão iníquo, tão selvagem, que os próprios animais bravios se sentiriam vexados de praticar, se fosse possível a um animal praticar esportes.

E como nada se pode fazer, limito-me a dizer o que sinto ante tanta malvadez e tanta inconsciência, registrando em letra de fôrma o meu protesto, protesto que sei ser inútil e sem proveito.

São Paulo, novembro de 1947

João Spinelli.

O MENOR ABANDONADO

Copyright de SPES de São Paulo

Há duas formas de abandono: moral e material. O abandono moral pode existir em qualquer lar, caracterizando-se pela ausência de cuidados paternos de educação, encorajamento, pudor, dignidade, polidez, conduta, civilização. O abandono material só existe nos lares onde a pobreza torna impossível o conforto, a aquisição dos bens materiais da vida. No primeiro caso, trata-se de um desajustamento cujas raízes emergem de terrenos econômicos. No segundo, é de um problema de ordem efetiva que se trata, até porque na sua eclosão se descobrem carências de lucidez e de forças sugestivas suficientes para a adaptação da vida às influências poderosas do meio social dominante.

A má distribuição das riquezas, o imediatismo trazido pela religião industrial, o caráter egoísta da civilização vindo exclusivamente através dos capitais e o esquecimento, por parte dos homens de negócios e dos capitães dos lucros extraordinários, dos seus deveres para com o

próximo, criam desníveis de sentimentos e antagonismos de interesses, dando lugar à formação de duas classes, na cauda de uma das quais figuram os pobres e decadentes, incapazes de prover às necessidades do lar e dos filhos. O abandono ocorre, então, por privança, a que se seguem a moleza e a indiferença dos pais em relação ao destino dos filhos.

O abandono moral, pelo contrário, provém da falta de observação paterna quanto à prole, da ausência de subordinação dos valores materiais aos valores psicológicos. Os chás elegantes, as noitadas de pip-pai, as reuniões só destinadas ao balanço e à exibição das riquezas tomam todo o tempo às mães, que desdenham a sacralidade da sua missão e se entregam a futilidades, abandonando os filhos às geravantes ou permitindo que também êles se encaminhem para o «snooker» ou para as competições do baralho.

Do ponto de vista religioso e moral é entristecedora a lição

que se recolhe destes fatos. Vivem os menores abandonados em porfia com os seus destinos, lutando por se encontrarem a si mesmos. E adquirem vícios de todo gênero. Crescem sem que lhes seja possível fazer preponderar a razão sobre o coração, a vontade sobre os nervos, a ação ponderada sobre a agitação. Derivam-se as tendências, seguindo umas o caminho das manifestações anti-sociais, outras se orientando para a sublimação, sem que nenhuma adquira o necessário equilíbrio, dentro da psicologia coletiva.

Assim, o problema dos menores abandonados se enche de interesse, sendo dos que demandam solução adequada e urgente. À imprecisão dos traços psicológicos dessas crianças, de vemos opor uma viva massa de espírito, a fim de que suas almas não se tornem divagantes e fugitivas, mas, pelo contrário, amoldadas, às mãos marcadoras do caráter.

O abandono, tanto material como moral, supera e anula a pessoa, não permitindo que a sua história se desenvolva através de forças impessoais. A personalidade substancial dos menores abandonados não reflete a personalidade moral e coletiva do povo de que faz parte.

Dir-se á que o menor abandonado é um intruso no seio da multidão a que aspira.

Diz-se que o grande traço de vinho do pensamento não é saber guardar, mas saber criar. Ora, os menores abandonados não sabem criar, não sabem contradizer o determinismo da sua vida, não sabem penetrar os segredos do meio social em que vivem, eis que o profundo ceticismo do seu espírito os torna incompatíveis com os valores do seu tempo e do seu meio.

Para obviar tais situações, o primeiro cuidado a ter-se é de ordem educacional, visando principalmente as famílias, cuja função educativa se encontra em franca decadência. Com efeito, «se a família é a primeira abandonar os seus deveres quanto à educação dos filhos e a entregá-la totalmente à direção da escola», concorrendo até mesmo, com os próprios filhos. «Para resistir ao honesto exercício dessas funções por parte dos professores», a primeira condição para se recuperarem os menores abandonados, no que tange à sua formação psicológica, é a de se agir sobre as famílias, conclamando-as à prática das obrigações que lhes cabem na preparação mental dos filhos para a competição social.

VIBRAÇÕES

Nunca li, dos mais inteligentes companheiros, um artigo sobre a perfeitíssima vibração que reina entre a vida universal, onde qualquer que seja a nota individual e coletiva, o sópro, a tempestade como a calma, o gócio, como o choro, a blasfêmia, ou o grito da desespero, tudo repercute-se no espaço, chegando à medida afim para extinguir-se. Pela própria lei de afinidade, pois que cada vibração volta ao ponto de partida, é lógico que o eco será a fiel consequência da sua origem, e expressão.

O maior e clássico exemplo temos nestes seis anos que secentram a guerra fratricida e cruel. Parece que todos os flagelos materiais e morais se abateram na terra. Não vale ludibriar-se, pois que a fome, as moléstias, as desordens, os crimes, etc., etc., reinam em toda parte do globo. É um erro gravíssimo inculpar o tal, ou tal outro princípio exótico, que não apenas efeitos materiais do desequilíbrio social. Sem o abuso do álcool não há bêbado; de atos imorais, ou ceteros, não há desonestos, ou sanguinários; de insensíveis até no estudo da destruição do próximo, não há ciência moral; de dominadores de povos, não há opressores; de políticos sem escrúpulos, não há miséria: etoa, te, etc.

Portanto é sempre o homem o agente da intoxicação geral da família humana, em todos os sentidos, e o qual quer que sejam as consequências devem ser imputadas a êle. Quem, estupidamente, atribuiu à Justiça Divina o ambiente criado pelo homem, anormal, é apenas um ignorante das leis divinas, pelas quais nós somos os construtores e destruidores de nossa vida terrena. Deus, tendo dado ao homem a faculdade de agir como pensa e opina, deixou-o livre na escolha; mas, ciente das consequências. Acabemos portanto de pedir a Deus a remissão dos pecados, e INICEMOS A RECONTRACÃO DO DESTRUIDO.

Aqui o Espiritismo é grande no seu conceito básico de que «NÃO HÁ EFEITO SEM CAUSA», pondo o homem diante de sua própria responsabilidade, pelo conhecimento que tem do Bem como do Mal. Até o dia que houver religiões as quais admitem que numa só existência se podem resgatar falhas que deixaram no mundo ruínas enormes, constituindo remorsos graves nos autores, necessitados da expiação os crimes, em reencarnações sucessivas; até aquele dia a absolvição do peccador por outro homem, vestido de sacerdote profissional, o mundo será uma comédia indecente de suborinação e de corrupção...

Mas fiquemos nas consequências vibratórias, em todo o Universo dos atos humanos contra a vida e a moral do próximo. Sem o eco de tais vibrações, acabaria a lei de ambiente que regula a criação. Tudo é intrínseco, coligado, na construção divina: ao escopo de progredir pela própria força volitiva. Cada ser e cada planeta, se integra na vitalidade do espaço, por sua virtude, ou ação. Eis as «varias moradas» que Jesus disse haver no Reino do seu Pai. Tudo na criação tende através as provas, à perfeição; mas quem imagina que não há trajetória, está fora das leis do livre arbítrio concedidas aos homens, a fim de fazê-lo digno filho do Pai Universal. Como o próprio Cristo, tudo se conquista ao preço da vida intelectual, e aprendendo a ser bondade, manso, altruísta. O prêmio virá depois.

Até lá, meus irmãos, procurem construir sempre na obra do Bem, sem nunca destruir. Assim somente, subireis na escada de Jacó, que vai às moradas mais perfeitas do Criador.

E da felicidade espiritual...

Mariano Rango d'Aragona

Às nossas assinantes

Aos nossas presadas assinantes residentes nas localidades fora dos Híerárquios dos nossos viajantes, vimos solicitar que nos auxiliem com a remessa das importâncias de suas assinaturas, visto atravessarmos uma época de prementes dificuldades.

A contribuição módica de cada um será para nós valiosa cooperação, visto que antecipadamente agradecemos.

A GERENCIA

Direitos e Deveres

Aos meus Irmãos, espíritas, em geral.

Direitos e Deveres, os dois polos Da vida social de toda gente... Mas, a agulha imantada do egoísmo Volta-se para um polo, unicamente.

O polo sugestivo dos direitos, Pois, de direitos somos nós esquivos: Direito á Vida, ao bem estar, á glória, E, sobre tudo, ao gozo, e muitos gozos.

Deveres? Mas, quem gosta de deveres? Os deveres se cumprem sem prazer. Ha gozo, gaudío e glória no direito! Ha trabalhos e lides no dever!

Por isso é que faz faz a prêmio e a honra. Quem cumpre seu dever com amor e gosto; Quem o cumpre, mormente no trabalho, Sem laivos de tristeza e de desgosto.

— E que me diz, agora, dos espíritas, Em face dos deveres e direitos? — Que seus direitos são os seus deveres, Pois, é cumprindo-os que serão perfeitos.

Espíritas clamando por direitos? Seres vizinhos entre os outros seres — Não há, para os espíritas, direitos! Só há, para os espíritas, deveres!

Leopoldo Machado

BALANCETE DO MOVIMENTO DA SEGUNDA SEMANA ESPÍRITA DE FRANCA

	RECEITA	DESPEZA
Importância arrecadada das diversas listas a cargo da comissão das senhoras	2.721,00	
Pago as despesas, conforme notas arquivadas		1.291,80
Saldo em caixa		1.429,80
	2.721,00	2.721,00
Renda proveniente do movimento do Festival	2.970,00	
Pago as despesas, conforme notas arquivadas		1.496,70
Saldo em caixa		1.473,30
	2.970,00	2.970,00
RESUMO		
Saldo do movimento da Semana Espírita	1.429,80	
Idem do movimento do Festival	1.473,30	
Importância entregue ao Educandário Pestalozzi	2.903,10	

(DOIS MIL NOVECENTOS E TRES CRUZEIROS E DEZ CENTAVOS) NOTA: As notas referentes ás despesas dos dois movimentos, encontram-se nos arquivos do Grémio Espírita de Franca.

Edúlio S. Melo Antonio Carlos de Abreu Termules Lourenço
Presidente da Comissão das Senhoras Presidente do Grémio Espírita de Franca Presidente da Juv. C. E. de Franca

CARO ASSINANTE

Não atire fóra este jornal. Depois de o ter lido reenderece-o a um seu amigo. Será mais um meio de propaganda da palavra de Jesus.

Exame retrospectivo

José Russo

Ao atingirmos o término de um ano, costumamos examinar o trabalho realizado durante o período de nossas atividades, fazendo um balanço meticuloso afim de se verificar qual o lucro apresentado ou os prejuízos decorrentes de qualquer movimento comercial.

Na esfera de todo o labor humano, assim se procede para a conclusão final de todas as transações, fechando o fragmento de tempo relegado ao olvido, enquanto as esperanças sorridentes se voltam para o novo ciclo que se aproxima dádoso e promissor.

Como quem conta histórias, amargas e reais dos dias idos, assim também rememoramos os feitos concluídos, outros em andamento, ainda outros em projetos anotados para o porvir. O passado fixará as normas para o futuro, outro período velado que nos espera, e no qual depositamos mais forte confiança, quasi certos de levar avante e ver concretizados todos os castelos e planos forjados em anteriores elucubrações.

Examinando com serenidade o que temos feito durante o ano que se finda, chegamos à conclusão de que a maior e melhor parte do programa terá que transferir-se para o novo ano, de vez que fatores múltiplos aliados a dificuldades intransponíveis nos obstaram a marcha. Porém, como o tempo não distingue o ideal, cremos possível realizar grande parte dos empreendimentos esboçados, em qualquer época, por mais distante que nos pareça...

Constatamos pelo exame de nossa escrituração íntima, algo já em bom andamento e com isso felicitamos o ano passado, benévolo e pródigo, dispensando-nos oportunidades de trabalho útil e eficiente.

O Balanço de capitais constitui no plano terreno, o móvel principal de toda gente de ne-

gócios. Qualquer classe social destaca os seus lucros, empresa divididos, não se esquecendo de um fundo de reserva que se transfere para o exercício vindouro. A norma comercial positiva em algarismos o montante do lucro conseguido.

Cremos porém, que o balanço das conquistas morais deveria ser o objetivo preponderante em todas as cogitações.

Recapitulando as ações praticadas, os momentos impulsivos, hábitos arraigados, atitudes negativas, enfim, todo o material de segunda ordem que nos sobrecarrega a consciência, bem como a exteriorização dos sentimentos inferiores que a palavra irrefletida expende ferindo e desvirtuando, tais corrigendas devem merecer a primazia em nossas preocupações, tendendo em vista que bens dessa natureza constituem o legítimo capital que nunca se desagregará.

Tenhamos em mente que a preferência de nossa riqueza deverá se afirmar em valores duradouros e não em posses efêmeras; que a posse inalterável é aquela decorrente do progresso espiritual e não das vantagens terrenas; que a vida planetária nada mais é senão uma pequena estadia da qual nos cumpre colher proveito real e imperecível.

Que o ano de 1948 nos proporcione oportunidades de exercitarmos a caridade cristã, oferecendo-nos campo à prática da tolerância e da fraternidade num ambiente de paz e trabalho construtivo, para, quando desaparecer no cordão dos séculos, poderemos dizer que os seus dias foram sempre bons, muito nos beneficiaram, porque em cada um deles registramos em nosso ser imortal fagulhas minúsculas de sentimentos elevados, qualidades superiores, evangélicas, autênticas gêmeas do tesouro celeste.

Registrado no DEIT sob n. 60 em data de 28-3-1942.

Inscrição no M.T.I.C. sob n.º 76.990, em 19-5-1943.



Publicação quinzenal
ASSINATURAS
Ano . . . Cr. \$ 15,00
Semestre Cr. \$ 8,00
Officinas próprias

Órgão de Propaganda da Doutrina Espírita

ANO XX Franca, (E. São Paulo) 31 de Dezembro de 1947 N.º 780

CANTO DA JUVENTUDE ESPÍRITA

(Da Juventude Cultural Espírita de Franca à Juventude Espírita do Brasil)

GINÁSIO LEOPOLDO

Mais um trabalho de grande significação para a doutrina acaba de ser delineado pela atividade impar do prof. Leopoldo Machado, de Nova Iguaçu.

Depois que ele esteve em Franca e viu, de perto, o movimento do EDUCANDÁRIO PESTALOZZI voltou aos seus penates convicto de que poderia transformar seu conceituado estabelecimento de ensino o popular Ginásio LEOPOLDO, em casa de ensino nos moldes do aproveitamento do que indica o Espiritismo. E eis que agora ele transformou em sociedade anônima essa casa que sempre nos disse do seu idealismo sadio. As inscrições pa-

ra as bases desse ginásio estão sendo feitas por colas e tudo indica que, dentro de pouco tempo, estará aliado o capital previsto para o início de seu programa. Ai está para a Juventude espírita mais essa iniciativa que visa a educação de seu caráter e inteligência pela Luz redentora da III REVELAÇÃO. Cremos que de agora em diante já os pais espíritas não se desculpam por não encontrar estabelecimentos próprios para seus filhos se tornarem emancipados de formações religiosas, tão subserviente como tem sido nestes últimos tempos que chegaram ao absurdo de atingir ao próprio ensino oficial.

REV. DR. ALMIR DOS SANTOS

Dia 21 deste, no salão do Centro Espírita Esperança e Fé, onde a Juv. Cultural Espírita de Franca, tem levado a efeito suas reuniões semanais, tivemos um dia festivo e de muita utilidade. Aproveitando a estadia nesta cidade do insigne conferencista Rev. Dr. Almir dos Santos, diversos elementos da Juventude manifestaram o desejo de ouvir uma palestra nos jovens dali. E acedendo ao convite esse espírito evangelizado e de sentido independente, numa demonstração de liberalismo, compareceu em nossos trabalhos e abordou um tema dignificante — «HUMILDADE E OBEDIÊNCIA». Esteve presente também o Rev. Osvaldo Dias da Igreja Metodista local que fez a prece de encerramento dessa manhã cheia de lições caras aos corações de todos os presentes. Gestos assim demonstram a ventilação das inteligências atuais que vem por em prática os ensinamentos do Mestre Jesus.

NOVA DIRETORIA DA "JCEP"

A Juventude Cultural e Espírita de Franca elegueu e empossou no noite do dia 21 de dezembro sua nova Diretoria a cuja composição ficou como presidente o confrade Olavo Rodrigues. Nessa noite promoveu-se mais uma noite de festa, pois um grupo de jovens espíritas de nosso meio se integrou nessa entidade, perfazendo assim a 5.ª Noite do Moço Espírita em Franca. Em nosso próximo «canto» daremos notícias.

mais pormenorizadas sobre esta festividade que foi, também, uma homenagem ao Natal do Senhor.

E a seguinte a Diretoria atual, que deverá conduzir os destinos dessa agremiação de 1947 a 1948 — Olavo Rodrigues, presidente; vice, Diana Lourenço; 1.º secretário, Wilson Orivaldo de Souza; 2.º secret., Gentil Camargo; 1.º tesoureiro, Armando Ribeiro (releito); 2.º tes., Alfredo Ribeiro; bibliotecário, Joaquim Ribeiro (releito); Diretor de Propaganda, Edite Melo; Mentor, Agnelo Morato.

PELA JUVENTUDE ESPÍRITA BRASILEIRA

Em Mogi-Mirim, neste Estado foi fundada e eleita a Juventude Espírita de Mogi-Mirim, cuja diretoria ficou constituída com os seguintes elementos: pres., Antonio Mota Junior; vice, Oscar Massuet; 1.º secret., Benedito Aparecido Tavares; 2.º secret., José de Andrade; 1.º tesoureiro, Ailton Andrade; 2.º tes., Eduardo José da Silva; Oradores: Alcides Hortencio e J. Franco de Oliveira; Mentor, Abelardo Gurjão e bibliotecário, Dulce de Andrade.

Também em a cidade de Santos, neste mês de Dezembro, foi fundada a Juventude espírita de Santos, cuja diretoria eleita e empossada ficou assim constituída: Presidente, Afonso Ceslo Perroni; secret., Irene dos Anjos Ventura; tesoureiro, Manoel Alonso — Tendo os jovens escolhidos para orientar estes trabalhos 2 mentores, como sejam: Alexandre Soares Barbosa Junjir, e D.ª Isaura Perroni.

ALMANAQUE DO "PENSAMENTO" PARA 1948

Para o ano de 48, com mais variadas secções, com amplo repertório de informações úteis, além do habitual programa de dados científicos, filosóficos, literários, práticos e usuais — O lavrador ou o comerciante, o industrial ou o operário, todos encontram nesse volume tradicional, em 38.ª edição aquilo de que precisam. — PREÇO Cr\$ 5,00. Pedidos, pelo reembolso ou não, à Livraria de «A Nova Era», Rua Campos Sales, 929 — Franca — Est. de São Paulo Linha Mogiana — Brasil — Caixa Postal 65.

a todos os bondosos doadores, rogando ao Altíssimo para lhes conceder a devida recompensa.

Franca, 5 de Dezembro de 1947.

JOSÉ RUSSO — provedor gerente

Pró Construção do Albergue Noturno de Franca

FRANCA: Banco do Brasil, \$ 1.000,00 — BROTAS: Luiz G. Amorim, \$ 20,00 — OSWALDO CRUZ: Centro Espírita «São José» por intermédio de Francisco Mota, \$ 50,00 — PASSA QUATRO: Da Irene Stqueira, \$ 30,00 — FRANCA: Associação Beneficente do Trabalho, 0 50,00 — GUAXUPÉ: Ernesto Reis, \$ 20,00 — ARAPONGAS: José Abílio dos Reis, \$ 85,00 — RIBEIRÃO PRETO: Carlos Forti, \$ 50,00 — MIRASOL: Lourenço Bianchi, 2 Livros «O Espírito do Cristianismo».

Em nome da Comissão encarregada da Construção do Albergue, levo a todos meus agradecimentos, pedindo a Jesus os recompense regamente.

Franca, 22 de Dezembro de 1947
Vicente Richinho-Tesoureiro

Tômbola

pró Educandário Pestalozzi

(um Ford)

0057 (1.º Premio)

Loteria Federal do Natal
24-12-47

CASA DE SAÚDE «ALLAN KARDEC»

Eleição da Diretoria — Almoço Comemorativo — Sessão Solene

Como já havíamos anunciado, a Casa de Saúde «Allan Kardec», de Franca, promoveu a comemoração do Natal, tal como tem feito em outros anos. Durante o dia recebeu as numerosíssimas visitas, e ofereceu aos internados um gostoso almoço, o qual foi servido num ambiente de ânimo solididade e agradecimento ao Alto.

As 14 horas, consoante edital publicado, procedeu-se à instalação da assembléa geral ordinária para eleição da nova diretoria, para gerir os destinos da Casa de Saúde no triênio de 48/50.

Depois de feita a chamada de presença e indicação dos que se achavam, conforme os estatutos, em condições de votar, realizou-se a eleição da nova diretoria, tendo o pleito se processado por escrutínio secreto. Foi o seguinte o resultado das eleições:

Provedor-gerente, José Russo; vice-provedor, Dr. Agnelo Morato; 1.º secretário, Genésio Martiniano de Andrade; 2.º secretário, Francisco Lourenço; 1.º tesoureiro, Miguel Sabio de Melo; procurador, Djalvo Braga. CONSELHO FISCAL: Dr. José Engracia de Faria, Arnulfo Lima, e Paulo Caleiro.

Encontra-se a Casa de Saúde «Allan Kardec» de parabéns pela eleição magnífica que acabou de realizar, escolhendo elementos de alto destaque e valia inconfundível, salientando-se, entre eles a figura abnegada de José Russo, cujo dinamismo todo o meio espírita conhece de sobejo, e de quem muito ainda se espera.

A noite teve lugar a cerimônia comemorativa, no salão nobre da Casa, tendo aí falado, depois da abertura e oração, o sr. José Russo e o sr. Genésio Martiniano de Andrade. Esteve o salão repleto de assistentes e os pontos abordados foram os mais vivos e tocantes, e as bênçãos espirituais choveram sobre todos, numa alegria encantadora decorrente do amor, da fé, da vida mesma do Evangelho comentado. Ai o sr. Russo, tal como fizera na assembléa do dia, agradeceu mais uma vez a todos, prometeu envidar esforços pela continuação da grandiosa obra do Mestre, à frente da qual já vem desde 1942.

Ao Alto, ao Salvador, pela Casa e por seus obreiros, nossas preces respeitadas e humildes.

Impressos comerciais e outros, são executados com capricho na oficina tipográfica de «A NOVA ERA»
Rua Campos Sales, 929 — Franca

Casa de Saúde «Allan Kardec»

FRANCA

DONATIVOS RECEBIDOS

SÃO PAULO: Benevides Barbosa Sandoval, \$ 200,00 — SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: Oscar L. Lima, \$ 5,00 — RIBEIRÃO PRETO: D.ª Ires Selles, \$ 200,00 — GOIALINA: José Muniz Carrijo, \$ 8,00; um amigo, \$ 20,00 — FAZENDA AGUA LIMPA: Antonio Pimenta, \$ 100,00 — BROTOSQUI: Benedito Ferraz, 15,00 — FRANCA: Sociedade União Sria Beneficente, \$ 300,00 — RIBEIRÃO PRETO: Admar Marcelo, \$ 100,00 — IBITINGA: Francisco Luiz Simões, 20,00 — SÃO LOURENÇO: Joaquim Veloso, \$ 29,00 — RIBEIRÃO PRETO: da Maria Fontes, \$ 20,00 — MARIÁLVIA: da Rosa Boldrini, \$ 27,00 — SÃO JOAQUIM DA BARRA: Albano Ribeiro, 20,00 — RIBEIRÃO PRETO: Um irmão da Loja Estrela do Oeste, 30 vidros de Colagotrat e 10 cx. de injeções de Anemotrat — PEDREGULHO: Da Olimpia David, em pães, \$ 100,00 — RIBEIRÃO PRETO: Abrão Assed & Cia, 1 saco de arroz beneficiado — FRANCA: Emílio Bruxelas, 1 saco de café beneficiado.

POR INTERMÉDIO DE LUIZ DIOGO PEREIRA: —

EM CÁSSIA: \$ 155,00 — PASSOS: \$ 365,00 — GUAXUPÉ, \$ 404,20 — CABO VERDE, \$ 53,00 — ALFENAS, \$ 410,00 — MACHADO, \$ 135,00 — VARGINHA, \$ 175,00 — TRÊS CORAÇÕES, \$ 185,00 — CAMBUQUIRA, \$ 162,00 — LAMBARI, \$ 393,00 — CAXAMBÚ, \$ 160,00 — SÃO LOURENÇO, \$ 532,00 — CRISTINA, \$ 280,00 — MARIA DA FÉ, \$ 140,00 — ITAJUBÁ, \$ 220,00 — ITAPIRA, \$ 522,00 — RIBEIRÃO PRETO, \$ 147,00.

PRÓ NOVO PAVILHÃO

SÃO PAULO: Srnta. Jesulmina Rebelo, \$ 10,00 — SUMARÉ: Chico Gantúz, \$ 10,00

NOTA: Os donativos enviados para o Natal da Casa de Saúde «Allan Kardec», serão publicados no próximo número, de 15 de Janeiro de 1948.

Em nome da Casa de Saúde «Allan Kardec», agradeço

